



3º Encontro de Pesquisa
em Informação e Mediação

unesp



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



III ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO (III EPIM)

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: DIMENSÃO POLÍTICA DA MEDIAÇÃO E DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Ana Maria Mendes Miranda - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Ana Paula Pereira - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Este estudo tem como objetivo investigar as contribuições das histórias em quadrinhos para o desenvolvimento da dimensão política da mediação e da competência em informação. Discute a possibilidade de formar e desenvolver a dimensão política da mediação e da competência em informação por meio das histórias em quadrinhos. Afirma que as histórias em quadrinhos podem promover a motivação para leitura e aprendizagem de informações políticas, históricas e filosóficas abordadas nesses materiais, levando os leitores a pensar e refletir sobre o mundo criticamente. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, de caráter exploratório e abordagem qualitativa. Salienta que as gibitecas têm papel relevante como lugar de lazer para além de uma leitura obrigatória e com propósito definido. Conclui-se que a leitura das histórias em quadrinhos pode corroborar no desenvolvimento da dimensão política da mediação e da competência em informação, especialmente no âmbito das gibitecas.

Palavras-Chave: Mediação da informação. Histórias em quadrinhos. Competência em informação. Dimensão política.

COMICS: THE POLITICAL DIMENSION OF MEDIATION AND INFORMATION LITERACY

Abstract: This study aims to investigate the contributions of comic books to the development of the political dimension of mediation and information literacy. It discusses the possibility of forming and developing the political dimension of mediation and information literacy through the stories in comics. It states that comic books can promote motivation for reading and learning political, historical and philosophical information covered in these materials, leading readers to think and reflect on the world critically. Stresses that the gibitecas have an important role as a place of leisure in addition to a mandatory reading and with a definite purpose. This is a bibliographical and documentary research, with an exploratory character and a qualitative approach. It concludes that the reading of comics can support the development of the political dimension of mediation and information literacy, especially in the context of comic books.

Keywords: Mediation of information. Comics. Information literacy. Political dimension.

CÓMICS: LA DIMENSIÓN POLÍTICA DE LA MEDIACIÓN Y LA ALFABETIZACIÓN INFORMACIONAL

Resumen: Este estudio tiene como objetivo investigar los aportes del cómic al desarrollo de la dimensión política de la mediación y alfabetización informacional. Se discute la posibilidad de formar y desarrollar la dimensión política de la mediación y la alfabetización informacional a través de los relatos en el cómic. Afirma que los libros de historietas pueden promover la motivación para leer y aprender la información política, histórica y filosófica cubierta en estos materiales, lo que lleva a los lectores a pensar y reflexionar sobre el mundo de manera crítica. Destaca que las gibitecas juegan un

papel importante como lugar de esparcimiento además de una lectura obligada y con una finalidad definida. Se trata de una investigación bibliográfica y documental, de carácter exploratorio y enfoque cualitativo. Concluye que la lectura de historietas puede apoyar el desarrollo de la dimensión política de la mediación y la alfabetización informacional, especialmente en el contexto de las historietas.

Palabras-Clave: Mediación de la información. Cómic. Alfabetización informacional. Dimensión política.

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias é um processo desenvolvido pelo homem desde os primórdios da existência humana. Antes da invenção da escrita, as rodas de conversa já permitiam que os contos, lendas e tradições fossem passados de pais para filhos e de avós para netos, de idosos para crianças. Também é através das histórias compartilhadas que, posteriormente, os indivíduos registraram grande parte de suas crenças, leis e relações sociais. Com o surgimento da escrita, a popularização da imprensa, o desenvolvimento da tecnologia e meios de comunicação em massa, essas histórias foram adquirindo características distintas, assumindo suportes e linguagens variadas e sendo reproduzidas em curta e em larga escala.

Apesar das mudanças em vários contextos informacionais, as histórias continuam desempenhando papel relevante na sociedade e permanecem como um dispositivo de compartilhamento de realidades, memórias, conceitos e ideologias. Nesse sentido, ler é algo necessário ao leitor, já que esse é um “[...] ser social que não sobrevive sem obter informações, construir algo, desenvolver um projeto, interar-se do que existe fora de si e de repente se descobrir.” (CARVALHO; OLIVEIRA, 2004, p. [02]).

Acreditamos que o ato de ler é essencial para a formação cultural e política do leitor, seja o texto constituído por palavras, sons, imagens ou pelo mundo, como afirma Paulo Freire (1982). Carvalho e Oliveira (2004, p. [02]) afirmam que: ler precisa se constituir como algo “[...] prazeroso, porque é uma atividade lúdica que nutre e estimula o imaginário, diverte e desenvolve o espírito, desperta sensações e a criticidade.” No entender de Nogueira (2007, p. 176) “A leitura é uma atividade complexa que exige do leitor a capacidade de interpretar o texto; de identificar e compreender o contexto no qual ele está inserido; de identificar idéias e signos nele contidos.”

Assim como as demais formas de expressões humanas, as histórias em quadrinhos (HQs) carregam ideias e informações que podem refletir tanto a conservação da ordem hegemônica quanto propagar pensamentos críticos e transformadores. Entendemos que ler HQs é mais do que conseguir juntar desenhos, palavras e sílabas de forma a compreender as

imagens e frases escritas consecutivamente. A leitura é um processo de apreensão de informações, conceitos e ideias que compõem a construção dos sujeitos na condição de seres sociais, de tal modo que ler HQ é se informar e aprender sobre o que nos cerca. Oliveira e Nóbrega (2013) compreendem que as HQs se apresentam como fonte de informação ao debaterem e apresentarem temáticas complexas e distintas, assim como, podem contribuir no processo de formação de leitores. Nesse contexto, salientamos a relevância das HQs nos estudos da Ciência da Informação, com foco na mediação da informação e na competência em informação.

Para tanto, este estudo tem como objetivo investigar se as HQs possibilitam o desenvolvimento da dimensão política da mediação da informação e da competência em informação. Trata-se de uma pesquisa teórica, de caráter exploratório, e delineamento bibliográfico, na qual após levantarmos as produções sobre a temática no Google Acadêmico utilizando como palavras-chave: competência em informação, mediação da informação, histórias em quadrinhos, dimensão política e apoiada pelo uso de operadores booleanos, realizamos uma análise dessas obras tentando identificar as possibilidades de debates políticos. Quanto à seleção dos quadrinhos, esta foi feita através de uma amostra intencional de acordo com o objetivo dos debates estabelecidos neste trabalho, devido ao restrito espaço disponível para esta comunicação, a amostra se constitui de um número bem limitado de HQs. Os tópicos que compõem esse trabalho são: as histórias em quadrinhos e as gibitecas pioneiras, o diálogo entre a dimensão política da mediação e da competência em informação, as histórias em quadrinhos e os debates políticos e sociais seguida das considerações finais.

2 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E AS GIBITECAS PIONEIRAS

O que são histórias em quadrinhos? São narrativas construídas em quadros sequenciais “[...] a partir da apropriação de elementos das artes visuais, como o desenho, a pintura, a animação, a fotografia etc.” (LACERDA, 2014, p. 62). Caracterizam-se por uma linguagem peculiar que utiliza “[...] os balões, as legendas, narrações, o uso gráfico das onomatopeias, as linhas de ação e movimento etc.” (LACERDA, 2014, p. 62).

Vergueiro (2014) considera que o gênero quadrinhos existe desde os primeiros registros nas cavernas, quando o homem registrava suas histórias de caça ao desenhar duas ou mais imagens na pedra. Nesse sentido, apesar de atender as necessidades informacionais em um primeiro momento, logo as imagens desenhadas na parede não eram suficientes para

comunicação, conforme as comunidades aderiram ao nomadismo, a escrita simbólica era gravada em materiais leves, como couro e pergaminho que passou a estabelecer elementos básicos da comunicação. Esse desenvolvimento da escrita mudou o *status* de importância da imagem para a comunicação humana, criando um distanciamento entre a forma que se representa um objeto e sua forma real.

Esse cenário vai se modificar com o surgimento das HQs. Vergueiro (2014) afirma que apesar do desenvolvimento da relação entre escrita e imagens para contar histórias em quadrinhos ter ocorrido em várias partes do mundo, seu principal desenvolvimento se deu nos Estados Unidos no século XIX. Os primeiros aparecimentos de HQs ocorreram nas páginas de domingo dos jornais deste país, mas rapidamente passaram a ser publicações diárias nos jornais e se espalharam pelo mundo. Cabe pontuar uma fala de Vergueiro quando reflete que as HQs estadunidenses “[...] disseminaram a visão de mundo norte-americana, colaborando, juntamente com o cinema, para a globalização dos valores e cultura daquele país.” (VERGUEIRO, 2014, online).

No livro *História da História em Quadrinhos*, Moya (1987, p. 20) afirma que o ítalo-brasileiro Angelo Agostini foi pioneiro em publicar HQs no Brasil. “[...] sua primeira historieta com personagem fixo, surgiu na [Revista] *Vida Fluminense*, no dia 30 de janeiro de 1869. O título era: *As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte*.” Depois de Angelo Agostini outros artistas se aventuraram a produzir HQs, mas apenas: “[...] em 1960, surge algo genuinamente nacional no campo dos quadrinhos. O *Pererê*, de Ziraldo, cuja figura central é o saci, elemento representativo de nosso folclore.” (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1984, p. 47). Este e outros personagens da turma do *Pererê* têm duas características: representam a nossa brasilidade e satirizam os super-heróis existentes. Vale destacar que as revistas em quadrinhos eram chamadas de *gibi* e essa expressão ainda é usada nos dias atuais.

Por esse trabalho, ter como principal foco o aspecto político, evidenciamos que foi “[...] Também nos anos 60 [que] Henfil começa a produzir *Os Fradinhos*, tido como marco da crítica social através dos quadrinhos.” (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1984, p. 47). Esse destaque intencional é feito para alertar que as HQs, foram utilizadas ora com intenções ideológicas, formação religiosa e práticas pedagógicas, segundo Luyten (1984) estiveram presentes em livros didáticos, dinâmicas de aulas, oficinas de textos, ensino de línguas estrangeiras e em comunidades, paróquias e outros grupos.

Silva (1984, p. 62) após analisar o uso das HQs nos livros didáticos [mas também em outros suportes de informação] concluiu que:

[...] a possibilidade de proteção aos direitos humanos [...] está na participação política dos desenhistas dos quadrinhos, dos que os criam, na atuação política de grupos e comunidades organizados diante dos meios de comunicação de massa, na reelaboração do sistema educacional, na competência política dos educadores [mediadores] em fazer frente à 'competência' burocrática e tecnicista que privilegia os aspectos alienadores da realidade.

Uma frente de trabalho para o bibliotecário mediador são os espaços que contêm acervos de HQs denominados de gibiteca (gibi+biblioteca), isto é, o ambiente informacional especializado na aquisição, mediação e compartilhamento de histórias em quadrinhos. Pacífico (2020, p. 129) explica que no ambiente da gibiteca “Não há uma voz determinando o que pode e deve ser lido, mas sim, um imaginário de sujeito-leitor que pode escolher, criar, brincar, ler, escrever e participar das práticas sociais perpassadas pela leitura e escrita.” Assim, não há uma leitura imposta ou obrigatória dirigida para um fim específico, mas a liberdade de escolha e iniciativa.

Em âmbito nacional devemos destacar duas gibitecas pioneiras: a Gibiteca de Curitiba e a Gibiteca Henfil. A Gibiteca de Curitiba foi criada no “[...] início da década de 1980, quando uma instituição pública na capital do Estado do Paraná decidiu fundar a primeira unidade desse tipo.” (VERGUEIRO, 2005, p. [04]). Key Imaguire Junior, idealizador dessa gibiteca na edição da *Revista Metal Pesado* em comemoração aos 15 anos da Gibiteca de Curitiba relembra que ela:

[...] não nasceu para ficar paradinha emprestando gibi. E um papel ativo compreende muitas iniciativas. Por exemplo, oficinas de criação. [...]. A Gibiteca polariza muitas áreas de, digamos assim, simpatizantes com os quadrinhos. O pessoal do RPG, dos fanzines, os diretores de arte, os loucos da APIQ [Associação Paranaense de Ilustradores e Quadrinistas] e do Star Trek... (IMAGUIRE JUNIOR, [1997?], p. 30)

São muitas as possibilidades de ação e de público neste ambiente. Desde 1991 a Gibiteca Henfil funciona “[...] dentro de um serviço de uma biblioteca pública [...] órgão do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria de Cultura do município de São Paulo.” (VERGUEIRO, 2005, p. [05]). Ela é atualmente um “[...] grande centro de eventos relacionados com os quadrinhos, promovendo cursos, exposições, palestras, debates e lançamentos de novas obras e servindo como ponto de encontro para reuniões de leitores e

de associações de quadrinistas.” (VERGUEIRO, 2005, p. [05]).

Ler HQs exige do leitor uma atitude diferenciada da leitura de um livro tradicional, pois tem que aprender como se desencadeiam os quadrinhos. No passado, a ordenação de cada quadro, que era do mesmo tamanho, seguia uma linha inflexível da esquerda para direita, e assim por diante. Na atualidade é possível encontrar publicações com quadros em tamanhos diferentes e em um esquema, às vezes anárquico, exigindo do leitor, maior atenção. Os mangás (popularmente conhecidos como quadrinhos japoneses), por exemplo, invertem essa lógica: devem ser lidos de trás para frente, da direita para esquerda.

Aprender a ler HQs não é tarefa apenas para as crianças, pelo contrário, a criança aprende “quase instintivamente” e o mediador deve se preparar para essa função. De todo modo, “[...] não basta ‘ler’ apenas o elemento textual (diálogos e textos narrativos) de uma história em quadrinhos. É preciso ir além.” (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 85). Ou seja, o mediador precisa saber ler as duas linguagens presentes e entender que elas se relacionam para ter condições de fomentar o processo de aprendizagem dos leitores, levando-os a identificar tais aspectos e apreciá-los.

Assim, as primeiras habilidades que os bibliotecários necessitam desenvolver são: saber observar, contemplar, analisar, interpretar e avaliar as duas linguagens (textos escrito ou verbal e imagético ou não verbal). Nesse sentido, a interferência (sem manipulação) do bibliotecário de uma gibiteca tende, por meio do seu discurso e dos discursos das HQs, a impactar, ainda que indiretamente, no pensamento crítico e reflexivo e, conseqüentemente, na competência em informação do leitor, especialmente na sua dimensão política, já que o indivíduo aprende a pensar, refletir e questionar o mundo a partir dos debates políticos neste universo. Se referindo aos profissionais da informação Jesus e Gomes (2019, p. 07) afirmam que a “[...] tomada de consciência permite que no fazer mediador se alcance a dimensão política da mediação da informação, quando o profissional assume a condição de protagonista social, atuando em respeito aos fundamentos do trabalho informacional, aos interesses sociais e aos princípios de humanização do mundo.”

Com os discursos apresentados até aqui, fica explícita a intenção das autoras deste trabalho que é propiciar um diálogo entre a dimensão política da mediação e da competência em informação; e faremos isso na próxima seção.

3 DIÁLOGO ENTRE A DIMENSÃO POLÍTICA DA MEDIAÇÃO E DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Ao pensar no conceito de mediação, devemos extrapolar a sua etimologia, ou seja, é necessário avançar na compreensão de seu conceito. Antes, porém, nos apropriamos da análise realizada por Silva e Almeida Júnior (2018, p. 82) a respeito do uso atual da mediação nas áreas de Educação e Ciência da Informação. Para eles, essas áreas “[...] utilizam conceitos que se aproximam da perspectiva marxiana, do materialismo histórico, por meio da obra de autores como Vigotski, Bakhtin, Freire e Almeida Júnior.” No entender de Almeida Júnior (2015, p. 25) a mediação da informação é:

[...] toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Para os leitores aficionados por HQ as necessidades informacionais são, em geral, bem específicas, muitas vezes escolhem um personagem, um estilo, uma temática que passam a colecionar e sentir total identificação com outros leitores. Em muitos casos se aglutinam em clubes, confrarias entre outros lugares que os levam a desenvolver o sentimento de pertencimento grupal. Isso tem um efeito que reflete na motivação para leitura desses sujeitos, algo que pode ser explorado pelo mediador. Além disso, vínculos são criados e geram satisfação, pois “[...] um consumidor habitual das histórias, independentemente de suas preferências de gênero textual, [...] assume a identidade de leitor de quadrinhos, e o sentimento de pertencimento coletivo será intensificado na medida em que o contato com outros leitores reforce essa identidade.” (MACHADO, 2015, p. 06).

Acreditamos que o leitor motivado e integrado troca ideias, tira dúvidas, aprende, ainda que encontre dificuldades ou desafios, é parceiro e espera parceria do mediador e pode motivar outros leitores de HQs. Isso significa que o mediador precisa ser um leitor de HQs para conhecer e saber trabalhar com esse universo, sem impor ou desconsiderar as preferências dos mediandos. Quanto mais o mediador se apropria desse gênero textual, maiores serão as possibilidades de desenvolver suas próprias habilidades como aprender a interpretar o diálogo do texto verbal e não verbal das HQs, os recursos, as características dos autores, o contexto, as expressões faciais e ideias das personagens, os traços, técnicas, as cores, enfim, o que está implícito e explícito, o que se quer dizer.

Em síntese, se o mediador não for ele mesmo leitor de HQs dificilmente ele conseguirá influenciar e discutir com propriedade sobre temáticas mais complexas existentes nelas. Além disso, ampliam-se as possibilidades do processo dialógico entre o mediador e o mediando, apresentando-se como uma ação colaborativa e compartilhada. Trazendo para o contexto da mediação com HQs, é possível propiciar momentos em que os leitores compartilhem, dialoguem, reflitam, criem, recriem ou redesenhem conceitos, ideias, valores e perspectivas abordados nestes materiais com vasto conteúdo a ser explorado; preferencialmente de forma divertida.

Almeida (2017, p. 1388) defende que o universo das HQs “[...] funciona simultaneamente com formas de consumo cultural e formas de expressão cultural (que se realizam na produção e na apropriação), propiciando que os mediadores da informação sejam simultaneamente produtores, consumidores, curadores e facilitadores.” Segundo Gomes (2020, p. 17-18) a mediação da informação ao abarcar a dimensão política propicia

[...] condições à tomada de consciência por parte de todos que fazem acontecer essa ação, uma consciência da condição de sujeitos políticos que, ao abandonarem a máscara da neutralidade, acabam assumindo a condição de protagonistas sociais e o compromisso com a construção do processo humanizador do mundo.

Assim também esse pensamento e o agir de modo mais consciente se dá em relação à competência em informação que vai requerer do indivíduo um posicionamento crítico em relação ao mundo. Destacamos que uma mediação exitosa, além de evidenciar as HQs como importantes fontes de informação (OLIVEIRA; NÓBREGA, 2013), permite que o leitor se aproprie de elementos lúdicos, sociais, culturais, políticos e ideológicos (SANTOS, 2018). Nesse sentido, é possível defini-la como o desenvolvimento de habilidades procedimentais, comunicacionais e operacionais, assim como de conhecimentos e atitudes que permitam ao sujeito agir sobre o universo informacional, de maneira a saber como buscar, selecionar, se apropriar e utilizar a informação para atender suas necessidades e/ou vontades.

De acordo com Dudziak (2001, p. 143) a competência em informação pode ser definida como um “[...] processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica.” Desta forma, a competência em informação envolve mais do que as ações de busca, mas a compreensão dos mais diversos aspectos que cercam a informação.

Para Vitorino e Piantola (2011) a competência em informação é permeada por quatro dimensões (técnica, estética, ética e política), que são concebidas como partes de um todo e, portanto, não devem ser vistas individualmente, mas compreendidas como complementares e indissociáveis. Para as autoras, a percepção da competência em informação como um complexo de dimensões contribuem para seu desenvolvimento nos mais diversos contextos, nesse aspecto, cabe reforçar que a não é nosso intuito apresentar a dimensão política como única possibilidade de desenvolvimento por meio dos quadrinhos, mas dar enfoque aos aspectos políticos passíveis de ser desenvolvido por essas obras.

A dimensão política da competência em informação, um dos focos deste trabalho, está ligada a aptidão e motivação dos sujeitos em exercer seu papel na sociedade, isso exige que os sujeitos tenham condições de lutar por seus direitos, tenham consciência histórica (e tomem frente desse processo), se tornando seres ativos socialmente e capazes de tomar as rédeas de seus próprios destinos. Assim a

[...] dimensão política contempla o exercício da cidadania, a participação das pessoas nas decisões e nas transformações referentes à vida social, e a capacidade em ver além da superfície do discurso; nesta dimensão se considera que a informação é produzida a partir de (e em) um contexto específico. (VITORINO; DE LUCCA, 2020, p. 07-08).

A dimensão política, conforme apontada pelas autoras (VITORINO; PIANTOLA, 2011; VITORINO; DE LUCCA, 2020), contempla a consciência dos sujeitos sobre sua própria história, e o reconhecimento dos problemas sociais e a busca pela resolução de tais problemas, ou seja, trata-se de não esperar passivamente que as coisas mudem, mas buscar maneiras de modificar a realidade, se tornando ator e não espectador de sua própria vida.

Cabe mencionar que, a dimensão política compreende também, não perceber a formação de habilidades como algo neutro, desconectado dos demais aspectos que movem o mundo, mas como uma capacidade sociopolítica de agir sobre o ambiente informacional e fatores que permeiam seus movimentos (VITORINO; PIANTOLA, 2011). De Lucca (2019, p. 71) argumenta que a dimensão política abrange alguns aspectos em destaque na figura 1.

Figura 1 – Aspectos da dimensão política da competência em informação



Fonte: Elaborado com base em De Lucca (2019, p. 71).

Ward (2006) argumenta que o pensamento crítico não pode ser a única ferramenta utilizada para navegar no contexto informacional. Para o autor, não basta trabalhar analiticamente com a informação, uma vez que o pensamento crítico deve se instituir cercado de formas criativas e significativas de “olhar” e lidar com as informações. De maneira que o autoconhecimento, a reflexão, o pensamento crítico e criativo se apresentem como estratégias que compõem de maneira complementar a competência em informação. Assim sendo, as HQs ao promover debates políticos e sociais podem contribuir para a competência em informação e a medição.

Sumarizando o diálogo entre a mediação e a competência da informação é necessário ser intensificado que aspectos político-sociais permeiam ambos os processos. A seguir apresentaremos algumas tiras de HQs que possuem como pano de fundo diferentes debates sociais e políticos da sociedade contemporânea, com intuito de evidenciar as discussões que podem ser promovidas.

4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E OS DEBATES POLÍTICOS E SOCIAIS

A leitura constante de HQs favorece o processo de reconhecimento do próprio conhecimento, assim como os dos outros, e possibilita as condições de reaprender ou reinterpretar quando necessário. Bari e Ferreira (2017, p. 33) explicam que “A mediação da

leitura das histórias em quadrinhos leva à apropriação da leitura à vivência do estudante, além de desenvolver as habilidades e competências leitoras. Também apoia a formação de leitores críticos e ativos, colocando-os inclusive em posição de debater com seus pares [...]” As autoras mencionadas estão se referindo ao contexto escolar, mas podemos dizer que as HQs podem estar presentes no cotidiano das pessoas em outras esferas da vida (em casa, no trabalho). Acreditamos que elas podem contemplar distintos públicos e idades.

Vergueiro (2014) argumenta que as HQs poderiam ser utilizadas para trabalhar pedagogicamente conhecimentos científicos, históricos e sociais. A exemplo disso, as publicações do século XX na França, onde as HQs eram utilizadas para explicar as obras e histórias de grandes pensadores da humanidade como Einstein, Darwin, Marx, Lenin, Trotsky, Freud, assim como temáticas como a energia nuclear, o Capital, os Estudos Culturais entre outros. Nesse sentido, o autor reforça que nem todas as HQs podem ser utilizadas como material didático, entretanto muitas dessas histórias são publicadas visando atingir grandes massas, sem necessariamente utilizar a linguagem dos quadrinhos apenas para fins de entretenimento, mas também para reflexão e aprendizado.

Optamos por descrever neste trabalho, as seguintes tiras de HQs: Mafalda, Calvin e Haroldo e Una. Elas foram selecionadas pois além da aproximação das autoras com as personagens, acreditamos que perpassam por diversos temas e conflitos. Em Mafalda, criação do cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado Tejón, conhecido como Quino (ARAÚJO, 2003)

[...] é freqüente a apropriação de alguns temas vividos no período de produção dessas narrativas (déc. 60 e 70), como o papel da mulher na sociedade da época, os conflitos entre as nações, a pobreza, o mau desempenho dos governos, trazendo prejuízos para a economia e a política da sociedade, a dominação dos Estados Unidos, através dos empréstimos do FMI, o descaso com a qualidade do ensino, bem como a violência sofrida pelas crianças, entre outros temas não tão recorrentes (ARAÚJO, 2003, p. [03]).

Mafalda é uma menina com alma de filósofa: questionadora, crítica, feminista com um discurso que perpassa por diversos assuntos e temas ora complexos, ora delicados e, por isso, universais. O mediador pode trabalhar esses aspectos levando o leitor a refletir com a personagem. Messias e Crippa (2017, p. [05]) afirmam que “Nos espaços institucionais, as HQs adquiriram relevância como objetos materiais que servem para compreender uma série de aspectos políticos e sociais de um contexto histórico” como o preconceito racial (figura 2).

Figura 2 – O preconceito racial em Mafalda



Fonte: Quino (2003).

Nesta tirinha podemos observar Mafalda sorrindo e mostrando para Susanita (sua amiga) um boneco negro que ganhou da mãe. Pela fala e reação da amiga: “Ah, um negrinho”, Mafalda reage questionando se Susanita teria preconceito racial. Na sequência, Susanita nega dizendo “Eu? Claro que não!” e toca no boneco afirmando que tal pensamento não se justificaria já que “[...] todos somos iguais.” Contudo, para espanto de Mafalda ela diz que vai lavar o dedo. Quino explora a dualidade paradoxal do indivíduo que diz não ser preconceituoso, mas tem atitudes preconceituosas: ser *versus* agir. O discurso camufla o preconceito, mas a ação não.

Calvin é outro personagem que chama atenção por sua forma de pensar e refletir sobre a vida. Criado pelo norte-americano William B. Watterson II, ele

[...] é um menino de seis anos de idade cheio de personalidade, que tem como companheiro um tigre sábio e sarcástico, Hobbes (que, no Brasil, ficou conhecido como Haroldo). Hobbes para Calvin é como se estivesse vivo, como um amigo verdadeiro, mas na verdade é um bicho de pelúcia. De acordo com boa parte das visões, os sonhos fantásticos de Calvin constituem com frequência uma fuga à severa realidade do mundo moderno. (GONÇALVES, 2016, p. [03]).

Em Calvin e Haroldo é possível encontrar temáticas como a Guerra-Fria (figura 3) ou uma das leis que regem o sistema capitalista: a oferta e a procura (figura 4) retratadas com uma dose de humor e ironia.

Figura 3 – A guerra fria em Calvin e Haroldo



Fonte: Watterson (199?).

Watterson se vale do humor para ilustrar a Guerra Fria: um momento histórico que ficou marcado pelo antagonismo no conflito entre os Estados Unidos (capitalista) e a União Soviética (comunista). Mais que um conflito bélico de fato, prevaleceu o conflito ideológico entre dois sistemas econômicos e políticos opostos - o capitalismo e o comunismo. No discurso de Calvin, os Estados Unidos seriam os protagonistas (o bom) defensores “da liberdade e da democracia” e a União Soviética (o mau) seria a antagonista “opressora”. Para o personagem essa brincadeira (que representa o jogo de poder) não tem sentido se não há vencedores e vencidos. Na figura 4 encontramos outra menção ao sistema capitalista:

Figura 4 – A oferta e a procura em Calvin e Haroldo



Fonte: Watterson (199?).

Aqui podemos observar Calvin vendendo um copo de limonada por um preço abusivo (três mil reais). A cliente se espanta com o alto preço e o questiona ao que ele justifica ser a lei da oferta e a procura. E complementa seu argumento dizendo que na função de acionista busca “um lucro monstruoso”, ao mesmo tempo em que desempenha as funções de presidente e diretor executivo que necessitam de “salário exorbitante”. Na sequência a cliente desiste e Calvin a responsabiliza pela ruína da economia. Neste caso, a crítica reside no ciclo vicioso que move o sistema capitalista: o lucro excessivo que advém da exploração do consumidor final em busca do enriquecimento a todo custo e que gera desigualdades sociais.

Cabe ainda mencionar que no último quadrinho, quando Calvin diz para a mãe que precisa ser subsidiado, faz alusão às constantes necessidades de grandes organizações privadas pedirem subsídio estatal para reduzirem déficits econômicos durante crises do mercado financeiro (BOITO JUNIOR, 2007). É possível evidenciar debates próprios da Economia Política como pano de fundo da sátira realizada por Watterson.

Mafalda e Calvin por serem crianças são identificados como pertencentes ao universo infantil, apesar de muitos dos debates serem balizados por aspectos complexos da vida em sociedade. Para Figueiredo *et al.* (2014) essas tiras incentivam o pensamento crítico no leitor, que apesar de ser composto majoritariamente por crianças, o público adulto é dos mais atingidos pelo jeito contestador e sonhador dos personagens, assim como por seus comentários inteligentes sobre as questões sociais e políticas próprias de seu tempo. Nesse aspecto, é válido indicar que existem sim algumas HQs mais próximas das crianças, outras dos adolescentes e aquelas mais voltadas ao universo adulto, ainda que os debates políticos possam ser realizados com todos os leitores, o nível de complexidade e nitidez com que ele será apresentado vai variar de público para público.

Como exemplo de histórias em quadrinhos voltados para o público adulto, cujo os debates políticos são mais enfáticos, podemos mencionar Maus (SPIEGELMAN, 1980), que retrata os judeus durante a II Guerra Mundial; Persépolis (SATRAPI, 2007), que trata das condições de gênero na república islâmica teocrática do Irã; Cumbe (D’SALETE, 2014), que retorna ao período colonial no Brasil e ilustra a trajetória de luta dos negros escravizados, entre outros.

Considerando a incidência dos debates políticos e sociais nas histórias em quadrinhos, cabe exemplificar a obra de Una (2020), que traz debates contemporâneos sobre violência sexual contra meninas, silenciamento de mulheres e machismo estrutural, conforme

ilustração da figura 5.

Figura 5 - Desconstruindo Una



Fonte: Una (2020).

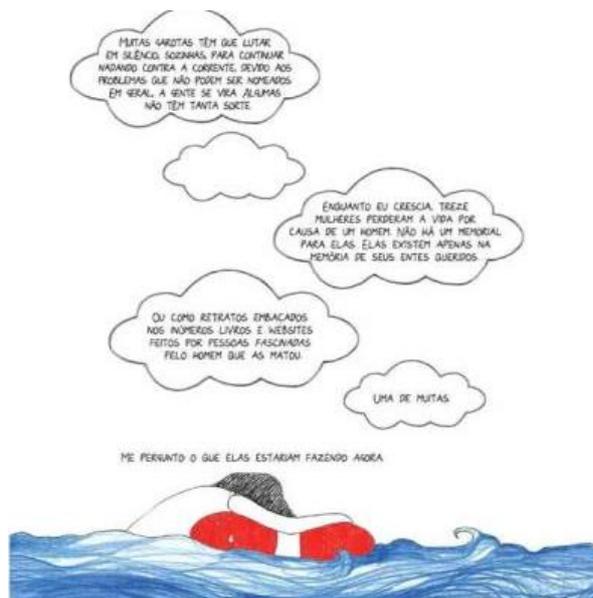
Desconstruindo Una é uma espécie de *graphic novel*, que não sai em tiragens como os HQ's tradicionais, mas em uma única edição e, portanto, finaliza a história em um único volume. Nesse caso, a história contada pelas ilustrações se apresenta de forma autobiográfica, e retratam as violências sofridas por uma menina britânica entre os anos 1970 e 1980.

Souza (2020) reflete que a questão central retratada pela história gira em torno da culpabilização que crianças e mulheres abusadas sexualmente sofrem de toda a sociedade, refletindo acerca das condições da mulher no mundo contemporâneo. Vitorelo (2019, p. 57) também reflete que a história, questiona o processo de julgamento do caso do estripador de Yorkshire e relata a visão preconceituosa dos dossiês policiais da época, ao considerarem as mulheres, vítimas do estripador, como pessoas de moral questionável. Visto as temáticas tratadas no texto não verbal, o autor reflete sobre a linguagem utilizada pela autora, já que as ilustrações são compostas quase que totalmente por "[...] desenhos em tinta preta, transparências em tons de cinza, e preenchimentos mais pontuais em cores chapadas, principalmente vermelho [...]." A linguagem visual também fica evidente nas representações dos balões de fala, conforme apresentado nas figuras 6 e 7.

Figura 6 - Balão de fala como fardo em Una



Figura 7 - O uso das cores em Uma



Fonte: Una (2020).

Na figura 6 podemos notar Una sobre uma elevação em companhia da mãe, e carrega o balão de fala (vazio), representação gráfica muito utilizada nos quadrinhos, como um fardo. Para Vitorelo (2019) tal representação se relaciona com aspectos centrais do desenvolvimento da obra, como o silenciamento de mulheres vítimas de abuso e a dificuldade de se manifestar em uma sociedade machista em que as mulheres e meninas são quase sempre responsabilizadas pelas violências que sofrem. Para Belo (2017, p. [02]) o fato do balão de fala ser apresentado vazio, e a ilustração evidenciar o esforço da menina para carregá-lo, indica o peso do silêncio, para ele o silenciamento, como o tempo “[...] ganha o enorme peso da vergonha, do medo e da culpa, o que torna cada vez mais difícil tanto de suportar quanto de compartilhar com alguém as dores sofridas.” Na figura 7, para além das ilustrações, as cores, recortes e deslocamento das lógicas sequenciais dos quadros, são utilizados para marcar na obra “[...] metáforas visuais estáticas” (VITORELLO, 2019, p. 57) que reforçam a perspectiva de Una sobre os acontecimentos, sentimentos e sensações diante dos acontecimentos registrados no decorrer da HQ.

A discussão levantada em Una (abuso, violência contra mulher) assim como as anteriores Mafalda (preconceito racial) e Calvin (guerra e lógica capitalista) nos permitem afirmar que o leitor ao refletir sobre tais temas na leitura das histórias em quadrinhos pode estar direta ou indiretamente formando e desenvolvendo a dimensão política da competência em informação e por isso precisam fazer parte da mediação na gibiteca.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão política da mediação ou da competência em informação nos permitem compreender, individual ou coletivamente, a informação conectada com os fenômenos históricos-sociais-econômicos que permeiam um contexto mais amplo de relações entre o sujeito e a sociedade. Tais relações estão presentes em diferentes meios e materiais, mas nas HQs o leitor encontra diversas discussões e debates políticos que denunciam as mazelas sociais ainda que de uma forma mais leve sem deixar de lado a reflexão e o questionamento de condições sem as quais não é possível reagir e enfrentar as adversidades da vida.

O mediador ao utilizar as HQs na mediação está ao mesmo tempo, nutrindo a motivação para leitura e formando a dimensão política da competência em informação a partir do texto verbal e não verbal que mantém um diálogo gerador de uma sensação de descoberta e prazer apreciada por crianças, jovens e adultos.

Vale destacar que as imagens nas HQs não são complementares aos textos, como muitas pessoas acreditam, mas se apresentam como forma de linguagem que permite desenvolvimento de leituras subjetivas e interpretações que vão além dos aspectos textuais postos. Outra característica é que o discurso ou a intenção do discurso nem sempre é aparente, exigindo do leitor um conhecimento prévio da temática ou a mediação de um leitor experiente, que nem sempre tem mais idade. Nas HQs de adultos é muito comum a presença de um texto subliminar, o que também requer maior reflexão por parte do mediador e do leitor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. Repensando concepções de “mediação” e “usuários”: o caso das histórias em quadrinhos. *In: A Ciência Aberta o contributo da Ciência da Informação: atas do VIII Encontro Ibérico EDICIC. Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, 2017. p. 1381-1389.*

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da. (org.). Mediação oral da informação e da leitura. Londrina: Abecin, 2015. p. 09-32.*

ARAÚJO, D. C. de. A questão do gênero nas histórias em quadrinhos de Mafalda (Quino). *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003. Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/113468361357369860725561284220617536080.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.*

BARI, V. A.; FERREIRA, S. dos S. Apropriação da leitura literária por meio das histórias em quadrinhos: prática da educomunicação. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 5, n. 2, p. 29-40, fev. 2017.

BELO, F. **Silêncio, trauma e criação**: uma leitura laplancheana de Desconstruindo Una. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://www.fabiobelo.com.br/wp-content/uploads/hguna.pdf> . Acesso em: 24 abr. 2021.

BOITO JUNIOR, A. Estado e burguesia no capitalismo neoliberal. **Revista de Sociologia e Política**, n. 28, p. 57-73, 2007.

CALVIN E HAROLDO. **História - 3º ano módulo 57 Guerra Fria**: os primeiros anos. Disponível em: <https://docplayer.com.br/69215574-Historia-3-o-ano-modulo-57-guerra-fria-os-primeiros-anos.html> . Acesso em: 16 mar. 2021.

CALVIN E HAROLDO. Questões comentadas: UERJ 2011/ 1º Exame de Qualificação – Questão 44. **Ser cidadão universitário**. 15 maio 2011. Disponível em: <https://scuniversitario.wordpress.com/2011/05/15/questao-comentada-uerj-2011-1%C2%BA-exame-de-qualificacao-questao-44/> . Acesso em: 16 mar. 2021.

CARVALHO, A. C. de; OLIVEIRA, M. P. de. Os quadrinhos e uma proposta de ensino de leitura. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: INTERCOM, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5149827770919209869381023999355510346.pdf> . Acesso em: 29 mar. 2021.

D'SALETE, M. **Cumbe**. São Paulo: Veneta, 2014.

DE LUCCA, D. M. de. **Princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso sob o foco da dimensão política**. 2019. 423 f. Orientadora: Elizete Vieira Vitorino. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2019.

DUDZIAK, E. A. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2001.

FIGUEIREDO, C. A.; SANTOS, T. G.; ARANTES, T. T.; GOMES, N. S. Produção textual com Mafalda. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 58, 2014.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1982.

IMAGUIRE JUNIOR, K. A Gibiteca de Curitiba. **Metal Pesado**: tudo em quadrinhos, edição comemorativa - 15 anos da Gibiteca de Curitiba, [1997?].

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social.

Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 01-23, out./dez. 2020.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047/32516> .

Acesso em: 16 abr. 2021.

GONÇALVES, E. S. Uma análise das tirinhas de Calvin e Haroldo. *In*: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA (EBRAPEM), 20., 2016. Curitiba.

Anais [...]. Curitiba: EBRAPEM, 2016. Disponível em: http://www.ebrapem2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/04/gd5_Elisane_Gon%C3%A7alves.pdf . Acesso em: 26 mar. 2021.

JESUS, I. P. de; GOMES, H. F. A Mediação da leitura no viés das dimensões da mediação da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

(ENANCIB), 20., 2019. **Anais [...]**. Florianópolis: ANCIB; UFSC, 2019. Disponível em:

<https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/510/469> . Acesso em: 06 abr. 2021.

LACERDA, V. A. Quando uma imagem vale mais que mil palavras: Livros de Imagem e

Histórias em Quadrinhos no PNBE. *In*: **PNBE na escola: literatura fora da caixa**. Brasília:

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. v. 3. Elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15609-guia-ei-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192 . Acesso em:

16 mar. 2021.

LACHTERMACHER, S.; MIGUEL, E. HQ no Brasil: sua história e luta pelo mercado. *In*: LUYTEN, S. M. B. (org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 44-52.

LUYTEN, S. M. B. (org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Paulinas, 1984.

MACHADO, L. R. M. A dimensão afetiva no consumo de Histórias em Quadrinhos: indícios de uma comunidade. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015.

Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: INTERCOM, 2015. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2491-1.pdf> . Acesso em: 22 mar. 2021.

MESSIAS, C. I.; CRIPPA, G. Histórias em quadrinhos na internet como fontes de informação.

In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 18., 2017.

Marília. **Anais [...]**. Marília: 2017. Disponível em:

https://brapci.inf.br/_repositorio/2017/10/pdf_c8ed73a985_0000026971.pdf . Acesso em: 19 mar. 2021.

MOYA, A. de. **História da história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NOGUEIRA, N. A. S. Gibiteca: ensino, criatividade e integração escolar. *In*: CONGRESSO

NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCARE), 7., 2007. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Champagnat, 2007.

- OLIVEIRA, M. J. de A.; NÓBREGA, N. G. da. Conhecer para mediar: investigação sobre as pesquisas com quadrinhos em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB)*, 14., 2013. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC; ANCIB, 2013. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2356/CONHECER%20PARA%20MEDIAR.pdf?sequence=1> . Acesso em: 24 mar. 2021.
- PACÍFICO, S. M. R. Biblioteca especializada, gibiteca e arquivo: sentidos de poder e interdição *In: CALDAS, R. F.; SILVA, R. C. da (org.). Bibliotecas e Hibridez*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. 202 p. p. 115-136. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/view/188/676/1744-1. Acesso em: 16 mar. 2021.
- QUINO, J. L. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SANTOS, T. B. dos. **As histórias em quadrinhos vão à guerra**: uma análise sob o viés da mediação. 68 f. 2018. Orientador: Jefferson Veras Nunes. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2018.
- SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3498/2269> . Acesso em: 16 mar. 2021.
- SATRAPI, M. **Persépolis**: completo. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2007.
- SILVA, J. N. HQ nos livros didáticos. *In: LUYTEN, S. M. B. (org.). Histórias em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 59-63.
- SILVA, R. J. da; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação: perspectivas conceituais em Educação e Ciência da Informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 71-84, abr./jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362018000200071#B16 . Acesso em: 10 abr. 2021.
- SOUZA, M. J. M. Desconstruindo Una: graphic novel, violência de gênero e resistência. **Revista Diálogos**, Cuiabá, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2020.
- SPIEGELMAN, A. **Maus**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 1980.
- UNA. **Desconstruindo Una**. São Paulo: Nemo, 2020.
- VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, [s.l.], v. 6, n. 2, abr. 2005. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_c94ba9dea2_0011604.pdf . Acesso em: 16 mar. 2021.
- VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. *In: BARBOSA, A.; RAMOS, P.; RAMA, A.; VERGUEIRO,*

W. (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

VITORELO, R. **A resistência política nos quadrinhos experimentais**. 2019. 94 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, São Paulo, 2019.

VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. Apresentação. *In*: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. (org.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho: EDUFRO, 2020. 240 p. p. 07-08. Disponível em: <http://www.edufro.unir.br/uploads/08899242/Capas%206/As%20Dimensoes%20da%20Competencia%20em%20Informacao.pdf> . Acesso em: 24 mar. 2021.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional (2). **Ciência da Informação**, v. 40, n. 1, p. 99-110, 2011.

WARD, D. Revisioning information literacy for lifelong meaning. **The Journal of Academic Librarianship**, [s.l.], v. 32, n. 4, p. 396-402, 2006.